

GABRIELE D'ANNUNZIO E O CENACOLO DE FRANCAVILLA

GABRIELE D'ANNUNZIO AND THE FRANCAVILLA CENACLE

Fernanda Gerbis Fellipe Lacerda²⁹

RESUMO: Entre os anos de 1880 surge, na cidade de Francavilla al mare, na região do Abruzzo, na Itália, o *Cenacolo* de Francavilla, composto por artistas das mais variadas tendências, dentre eles o poeta Gabriele D'Annunzio (1863-1938). Esse grupo, que se reunia na Casa-convento do pintor abruçês Francesco Paolo Michetti, foi de grande importância para a formação artística de D'Annunzio, que teve a oportunidade de conviver nesse espaço com intelectuais do porte de Paolo De Cecco, Edoardo Scarfoglio e Francesco Paolo Tosti. Ainda no período do *Cenacolo* de Francavilla, D'Annunzio teve a oportunidade de viajar com esses intelectuais pelo Abruzzo, visitando durante quatro dias o Vale del Gizio e del Sagittario e as cidades de Aquila e Sulmona. Nesta cidade, o jovem D'Annunzio conhece o etnógrafo Antonio De Nino que, futuramente, lhe fornecerá um vasto material para a produção de suas obras abrucesas.

PALAVRAS-CHAVE: Gabriele D'Annunzio; Abruzzo; *Cenacolo* de Francavilla.

ABSTRACT: In the years of 1880s, in the city of Francavilla al mare, Abruzzo region, in Italy, the Francavilla *Cenacle* was born, composed of artists of the most varied trends, among them, the poet Gabriele D'Annunzio (1863-1938). This group, which used to gather at the house-convent of the painter from Abruzzo, Francesco Paolo Michetti, was of a great importance for D'Annunzio's artistic training, since he had the opportunity to be in this space with huge intellectuals such as Paolo De Cecco, Edoardo Scarfoglio and Francesco Paolo Tosti. Still in the period of Francavilla *Cenacle*, D'Annunzio had the opportunity of travelling with these intellectuals through Abruzzo, visiting for four days the Vale del Gizio and del Sagittario, and the cities of Aquila and Sulmona. In this city, the young D'Annunzio meets the ethnographer Antonio De Niro, who, in the future, would provide him a vast material for the production of abrucesas works.

KEYWORDS: Gabriele D'Annunzio; Abruzzo; Francavilla *Cenacle*.

INTRODUÇÃO

Gabriele D'Annunzio, o poeta *vate* do decadentismo italiano, nasceu em Pescara no dia 12 de março de 1863. Filho de uma modesta família, seu pai, Francesco Paolo Rapagnetta, foi adotado pelo tio Antonio D'Annunzio, rico comerciante da região das *Marche*, na Itália, e sua mãe, Luisa De Benedictis, nasceu em uma família rica e culta de Ortona. Após a leitura da coletânea de poesias intitulada *Odi barbare* (1877), do poeta italiano Giosuè Carducci,

²⁹ Doutora em Literatura Italiana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: fernandagerbis@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0002-2576-7617>

D’Annunzio publica em 1879, aos 16 anos, *Primo vere*, e, no ano seguinte, mais precisamente no outono, passa a fazer parte do *Cenacolo* de Francavilla.

A importância desse *Cenacolo* na vida do poeta é marcada de diversas maneiras. A permanência de D’Annunzio na região do Abruzzo, após sua ida para a cidade de Prato com o objetivo de finalizar os estudos escolares, nunca mais foi permanente. De Marco sinaliza esse período *pratese* para o poeta como um tempo de uma profunda nostalgia e apresenta cartas trocadas entre D’Annunzio e sua irmã Ernestina. Em uma dessas cartas, com destino a Paolo De Cecco, o poeta manifesta sua “melancolia do afastamento” e lamenta com o amigo a ausência do “belo sol abrucês” e do “mar de cobalto”³⁰ (DE MARCO, 1996, p. 49). Entretanto, durante toda sua trajetória, o poeta retornava para pequenas temporadas, sempre hospedado por amigos artistas, e tem a oportunidade de conhecer o passado e as raízes abrucesas.

O ABRUZZO

Ettore Paratore nos esclarece que a região do Abruzzo tem uma localização muito peculiar, pois “parece como um bloco monolítico a quem o contemple rapidamente os aspectos étnico, político e folclóricos”³¹ (PARATORE, 1963, p. 7). Ao observamos seu posicionamento geográfico, localizamos essa região italiana a oeste da cordilheira dos Apeninos, onde se situa o pico mais alto da região, que irá inclusive separá-la completamente das regiões da Úmbria, do Lácio e da Campânia. Dessa forma, podemos dizer que essas montanhas constituem um vale profundo entre a região abrucesa e todas as outras que a circundam do lado ocidental.

Outra causa do isolamento da região se deve ao seu litoral Adriático, na parte oriental. Ainda que se trate do pedaço mais estreito do Mediterrâneo, o mar Adriático representou, somente nos primeiros séculos da Antiguidade Clássica e apenas na sua parte inferior, um eficaz veículo de troca entre diferentes povos. Tal função continuou a ser praticada exclusivamente com o porto de Brindisi durante o Império romano, contudo, isso não fez com que a parte superior do litoral se abrisse a uma efetiva funcionalidade cultural.

Tal reclusão, causada por sua localização geográfica, implicou manter de certa forma também recluso o seu povo. Ainda com a ajuda de Paratore, entendemos que “o povo do Abruzzo permaneceu sempre eminentemente agrícola e pastoril, na mais devassa e dispersa exceção do termo”³², o que os tornou extremamente conservadores, uma vez que viviam prevalentemente

³⁰ “Malinconia della lontananza”; “bel sole abruzzese”; “mare di cobalto”. Todas as traduções são da autora.

³¹ “Appare un bloco monolitico a chi ne contempli frettolosamente gli aspetti etnico, linguistico, politico e folkloristico”.

³² “Le genti d’Abruzzo rimasero sempre eminentemente agricole e pastorali, nella più dissolutrice, dispersiva accezione del termine”.

em tribos que se transferiam da montanha para o mar, dependendo das estações do ano ou ainda em outras pequenas tribos que se enraizavam em vales férteis, com o objetivo de aproveitar todas as possibilidades da terra (1963, p. 10).

Essa vida reclusa reforça a ideia de um Abruzzo sempre parado no tempo, ainda que esse tempo seja indefinido. Por essa razão, tornou-se o cenário ideal aos personagens dannunzianos que pretendem alcançar a perfeição do modelo de super-homem proposto por Nietzsche e que nos remete a uma exaltação dionisíaca da vida junto à natureza, como é possível observar em *Il Trionfo della morte* (1894). Os ritos e os costumes abruceses destacam-se na obra do poeta tornando-se verdadeiros personagens, muitas vezes ocupando a função de protagonistas do drama, oferecendo ao texto um caráter poético e repleto de *coralitá*³³.

GABRIELE D'ANNUNZIO E O ETERNO RETORNO AO ABRUZZO

Em 1881, Gabriele D'Annunzio inicia seus estudos na Faculdade de Letras, em Roma, e passa a frequentar as redações das revistas literárias como a *Cronaca bizantina* e o *Fanfulla della Domenica*. Nelas, escreve poesias, novelas e artigos. Por razão de sua inserção nesse meio cultural, o poeta se aproxima de intelectuais do ambiente jornalístico. Em 1882, junto com o editor Angelo Sommaruga, D'Annunzio publica a coletânea de versos *Canto novo*, ilustrada pelo amigo, pintor e desenhista abrucês Francesco Paolo Michetti e, ainda no mesmo ano, as novelas de *Terra Vergine*. O ano de 1883 marca a afirmação dannunziana nos salões romanos³⁴. É nesse período que o poeta, reconhecidamente apreciador de um estilo de vida elegante, tem a oportunidade de refinar ainda mais seus interesses pessoais.

Ainda que a vida romana e o meio aristocrático tenham seduzido o poeta, suas raízes abrucesas nunca foram esquecidas. De tempos em tempos, entre uma estada em Roma ou em Nápoles, por exemplo, o poeta regressava à sua terra natal, frequentemente no verão, e se hospedava em casas de amigos. Nessas ocasiões, principalmente no ano de 1883, D'Annunzio se reunia, com certa frequência, com os principais artistas daquela região, em especial, com o compositor Francesco Paolo Tosti, com quem compõe *Bimbi e neve*, *Malinconia* e *Notte bianca*. No ano seguinte, já de volta a Roma, D'Annunzio torna-se redator do jornal *La Tribuna*, no qual publica, até 1888, uma série de artigos de *cronaca mondana*, com referências às novidades literárias, musicais e artísticas europeias e italianas e também fazendo menção aos encontros com os amigos do *Cenacolo* de Francavilla.

³³ Termo utilizado por Marilena Giammarco (2005, p. 99) que compreende todos os ritos, as tradições e a língua arcaica utilizados pelo poeta de maneira simbólica.

³⁴ Nesse caso, podemos recordar do grupo *Arte Libertas*, que tinha como ponto de encontro o café *El Greco*, em Roma.

Em 1889, D’Annunzio passa o verão em San Vito Chietino, no Abruzzo, próximo a Pescara, com a atriz Barbara Leoni, e inicia a escrita do romance *Il trionfo della morte*. No ano seguinte, separa-se da esposa e retorna a Francavilla para trabalhar em seu romance *L’Innocente* (1892). É para esta cidade que o poeta regressa após uma estada de dois anos em Nápoles, e ali finaliza os romances *Trionfo della morte* e *Le Vergine delle rocce* (1896). Nesse período, realiza uma viagem para a Grécia no iate do poeta e jornalista Edoardo Scarfoglio e, inspirado pelo mundo clássico e pelas conversas com seus companheiros de viagem, escreve a peça de teatro *La città morta* (1898).

Ao retornar para a Itália, D’Annunzio se transfere para a região da Toscana, em Settignano, onde permanece por um tempo na famosa vila *La Capponcina*. Em 1909, por razões financeiras, exila-se em Paris, onde tem a oportunidade de frequentar os círculos e eventos culturais franceses e conhece a atriz Ida Rubinstein. Seu retorno à Itália ocorre em 1915, quando participa em ações de guerra tanto em meios terrestres quanto navais e aéreos. No mesmo ano, em Roma, o poeta mais uma vez se aproxima do músico Francesco Paolo Tosti, ajudando-o a musicar trechos de seus romances. Após o fim da guerra, D’Annunzio ocupa por dois anos a cidade de Fiume, instituindo a *Reggenza Italiana del Carnaro* e, após uma breve estada em Veneza, passa a viver no lago de Garda, na mansão Cargnacco, transformada no *Vittoriale degli italiani*.

Inúmeras foram as obras dannunzianas dedicadas ao Abruzzo ou ao amigo Michetti. Também é possível, a partir de uma leitura atenta, observar traços, paisagens ou menções à região que tanto peso teve para a formação cultural e artística do poeta *vate*.

O CENACOLO DE FRANCAVILLA

Em 1880, a carismática figura de Francesco Paolo Michetti agregava ao seu redor intelectuais e artistas como Gabriele D’Annunzio, Francesco Paolo Tosti, Costantino Barbella, Paolo De Cecco, Edoardo Scarfoglio, Matilde Serao, Guido Boggiani, Giulio Aristide Sartorio, Antonio De Nino e Carmelo Sartorio. A “bela companhia”³⁵ (BARILLI, 2004, p. 68) se reunia habitualmente a cada verão. Os primeiros encontros ocorreram na casa do próprio pintor, na praia de Francavilla e, em seguida, a partir de 1885, passaram a ser realizados no famoso *Convento di Santa Maria del Gesù*, reestruturado e transformado em estúdio pelo próprio Michetti, hoje conhecida como Casa-convento. No inverno, o *Cenacolo* se encontrava em Roma, no apartamento de Tosti, na *via dei Prefetti*. Nas longas tardes que ocorriam dentro do Convento de Michetti, cada um dos hóspedes se dedicava à própria atividade artística. Ali, em Francavilla, D’Annunzio começa a escrever *Il piacere*, publicado depois em 1889.

³⁵ “bella compagnia”.

A atmosfera desses encontros foi recordada pelo próprio D’Annunzio em uma publicação no jornal *Fanfulla della Domenica*, em 7 de janeiro de 1883. Na primeira parte de seu artigo, o poeta revisita de maneira afetuosa alguns quadros do amigo Michetti e, em seguida, ilustra a contribuição dos artistas que compunham o grupo:

Oh belos dias de outubro em Francavilla, quando o culto pela arte nos unia! Aquela pobre casa solitária, no meio da imensidão dos litorais, era o nosso templo [...] Dentro, por todos os lados, nas paredes, no chão, sobre as mesas, nas portas, a arte triunfava [...] sentia-se que o artista deveria ter como uma religião da Natureza, como uma fé que ele transfundia amorosamente em um tronco secular ou em um grupo de flores [...] Paolo Tosti agora cantava: uma fonte virgem de melodia lhe surgia do coração pulando e saltitando, naturalmente. [...] De tempos em tempos, o rosto oliva e sonolento de Paolo De Cecco se inclinava em meus papéis, e um fino sorriso animava aqueles olhos [...] ³⁶ (D’ANNUNZIO, 1996, p. 7).

Preenchidos pelo grande amor pela arte e pelo Abruzzo, o grupo organiza numerosas e interessantes viagens nas zonas internas e ainda desconhecidas da região com o objetivo de aprofundar o conhecimento, documentar as tradições populares e as atividades regionais, com reportagens fotográficas realizadas pelo próprio Michetti.

Entre os dias 8 e 11 de setembro de 1881, D’Annunzio e seus companheiros se dedicam à famosa excursão aos vales do Gizio e do Sagitário. Em Sulmona, onde D’Annunzio chega de trem junto com Michetti e Barbella, conhece De Nino, o etnógrafo abruçês que fornecerá diversos materiais ao poeta para a composição de suas obras. Sobre essa viagem, D’Annunzio escreve: “Que viagem deliciosa por meio de paisagens inimaginavelmente belas e várias. Ficamos inebriados de sol, de perfume, de cores”³⁷.

A troca de experiência nos diversos setores das artes, passando pela pintura, música, escultura, poesia, teatro e tantas outras expressões artísticas, torna-se um aspecto peculiar no panorama cultural regional e nacional no final do século XIX e início do século XX italiano.

Já idoso, vivendo no Largo de Garda, D’Annunzio escreve ao amigo Edoardo Scarfoglio: “Sabe o que eu gostaria? Gostaria que aqui estivesse a

³⁶ “Oh i bei giorni ottobrali di Francavilla, quando il culto dell’arte ci univa! Quella povera casa solitaria, in mezzo all’immensità dei litorali, era il nostro tempio [...] Dentro, da per tutto, sul e pareti, su i pavimenti, su i tavoli, su le porte, l’arte trionfava [...] si sentiva che l’artista doveva avere come una religione della Natura, come una fede che egli trasfondeva amorosamente in un tronco secolare o in un gruppo di fiori [...] Paolo Tosti allora cantava: una scaturigine vergine di melodia gli surgeva dal cuore pullulando e zampillando, naturalmente [...] Di tratto in tratto la faccia olivastrea e sonnacchiosa di Paolo De Cecco si chinava su le mie carte, e un fine sorriso animava quegli occhi”.

³⁷ “Che viaggio delizioso attraverso paesaggi inimmaginabilmente belli e vari. Siamo inebriati di sole, di profumi, di colore”.

grande neve e o grande frio que me obrigasse ao exercício e aos longos passeios de ares saudáveis. Oh, se viesse a neve da Majela o do Montecorno! Virá; eu a invocarei com tanta paixão de amante, que virá”³⁸ (SCARFOGLIO, 1885, p. 164-65). Após a famosa queda da varanda do Vittoriale, questionado sobre o Abruzzo pelo médico que lhe atende, o poeta responde: “O Abruzzo sou eu”³⁹ (D’ANNUNZIO, 1995, p. 13).

PARA ALÉM DAS ÉCFRASES ABRUCESAS

Foi nesse rico ambiente intelectual do *Cenacolo* de Francavila que D’Annunzio pôde aprofundar seus conhecimentos sobre as modernas criações pictóricas de seu próprio tempo. Um exemplo é a aproximação do poeta com a pintura pré-rafaelita, inspirada no *Art nouveau*. Dessa forma, D’Annunzio foi, aos poucos, burilando o seu próprio estetismo através da criação de elaboradas écfrases na esfera dos muitos pintores pertencentes a este grupo. As peças *La figlia di Iorio* e *La fiaccola sotto il moggio*, por exemplo, são textos dannunzianos marcados pelas pinturas michettianas e que carregam dentro de suas linhas, com temáticas atualizadas, histórias e costumes do povo e da terra abrucesa. Para além das écfrases, Gabriele D’Annunzio, partilhando as pesquisas do amigo Antonio De Nino, cria romances como *Il trionfo della morte*, para citar apenas um, e o poema “I pastori”, com cenários e descrições de locais ermos e do povo que habitava a sua terra natal.

A troca de cartas entre D’Annunzio e Antonio De Nino foi muito intensa. Em uma delas, por exemplo, o poeta pede que o amigo envie um de seus trabalhos:

Caro Antonio, preciso do 1º e do 2º volumes do seu *Usi e Costumi*; mas preciso deles imediatamente. Poderia enviá-los a mim?

[...]

P.S. Agradeceria muito se pudesse enviar também os *Proverbi abruzzesi* e o *Messia d’Abruzzo*. Posso aguardar?⁴⁰ (PAPPONETTI, 1996, p. 72-73).

Outra referência da presença abrucesa na produção do poeta e de como o *Cenacolo* de Francavilla, repleto de artistas que forneciam a todo instante informações específicas sobre a sua região, constantes em sua produção literária, são os textos encontrados em *Novelle della Pescara* e *Terra Vergine*. É válida, portanto, a reflexão sobre qual Abruzzo narra D’Annunzio. Ou ainda,

³⁸ “Sai che vorrei? Vorrei qui della gran neve e del gran freddo che mi sforzasse all’esercizio e alle lunghe passeggiate e alle larghe respirazioni dell’aria salutare. Oh, se venisse la neve dalla Maiella o da Montecorno! Verrà; la invocherò con tanta passione di amante, che verrà.”

³⁹ “L’Abruzzo sono io.”

⁴⁰ “Caro Antonio, ho bisogno del 1º e del 2º volume dei tuoi Usi e Costumi; ma ne ho bisogno súbito. Vuoi mandarmeli a volta di corriere? (...) / P.S. Ti sarei riconoscentissimo se tu volessi mandarmi anche i Proverbi abruzzesi e il Messia d’Abruzzo. Posso sperare?”

sobre quais Abruzzos o poeta retrata em suas obras. Nas palavras de Pomilio “o seu Abruzzo se desenha diante dos olhos como um estado de ânimo descontínuo, incerto entre os dois extremos do amor e da recusa, e mais ainda como uma história, um evento sentimental que corre indeciso e pleno de alternativas”⁴¹ (POMILIO, 1968, p. 602).

Apresentaremos aqui apenas algumas dessas constantes abrucesas, estimuladas certamente por seus companheiros que, entendemos, são significativas como traços advindos do *Cenacolo* de Francavilla, na produção do escritor.

LA FIGLIA DI IORIO

O desejo pela imagem, certamente, fora incutido em D’Annunzio pelo já citado Michetti, que havia introduzido o jovem poeta nesse eclético grupo de artistas. Dessa forma, podemos reconhecer que a peça *La figlia di Iorio* é uma verdadeira éfrase em homenagem à pintura de Michetti, sem conseguir, contudo, omitir alguns traços de um verismo latente.

O exame da pintura que dá título ao drama *La figlia di Iorio*, por exemplo, de Francesco Paolo Michetti, representava para D’Annunzio um eficaz exemplo de pintura moderna. Isso se justifica, pois o pintor teria conseguido obter a união entre “paisagem e pessoa que leva a ação” e harmonizar a linha “descritiva e visível”⁴² com a linha da ação, ou seja, a narrativa-musical: “*La figlia di Iorio* representa uma cena em ação, com a fluidez da linha organizada e ondulada que tudo modula e compõe”⁴³ (VALENTINI, 1992, p. 16).

D’Annunzio pôde acompanhar todo o processo da pintura do quadro, que teve início em 1887, desde os esboços até a produção final. O impacto que a pintura de Michetti teve em D’Annunzio pode ser reconhecido na carta escrita ao amigo após o término de seu drama, na qual fala da comunhão de seu espírito com sua terra natal:

Essa obra vivia dentro de mim há anos, obscura. Não te lembras? A sua *Figlia di Iorio* apareceu pela primeira vez há mais de vinte anos com a cabeça sobre um drama de nuvens. Depois, aos poucos, se apresentou completa e potente na grande tela, com uma perfeição definitiva que possui alguma analogia com a cristalização dos minerais nos ventres das montanhas. Toda aquela vida circunscrita por linhas geométricas invisíveis.

⁴¹ “Il suo Abruzzo ci si disegna davanti agli occhi come uno stato d’animo discontinuo, incerto tra i due estremi dell’amore e del rifiuto, e più ancora come una storia, una vicenda sentimentale che corre indecisa e piena di alternative”.

⁴² “paesaggio e dramatis persona”; “descritiva-visiva”.

⁴³ “*La figlia di Iorio* raffigura una scena in azione, con la fluidità della linea organizzata e ondulata che tutto modula e compone”.

Um processo indiferente se esvaziou em mim. Eu senti viver as minhas raízes na terra natal, e senti uma felicidade indescritível. Tudo é novo nesta tragédia e tudo é simples: tudo é violento e tudo é pacato ao mesmo tempo. O homem primitivo, na natureza imutável, fala a linguagem das elementares paixões⁴⁴ (D’ANNUNZIO, 1996, p. 12).

Inspiradas pela obra de Michetti, a todo o momento as memórias de sua origem se fazem presentes, seja na sua casa natal no *Corso Manthoné* ou na *Villa del Fuoco*, em Pescara, ou ainda no perfume do mar e nos mistérios da montanha *Majella*, essas lembranças transportavam o poeta para o caloroso acolhimento de sua gente, para o homem primitivo e para a natureza imutável de um Abruzzo distante temporal e fisicamente.

La figlia di Iorio nasce, então, de sugestões diferentes, mas, em particular, de uma tensão política e cultural que leva o poeta a redescobrir a própria região natal como um espaço de conflitos míticos e de virtudes ancestrais que poderiam servir para se regenerar e também regenerar sua própria nação (NICASTRO, 1988, p. 102). Esse canto de celebração já se faz presente na dedicatória da peça:

À terra do Abruzzo
 À minha mãe às minhas irmãs
 Ao meu irmão exilado ao meu pai sepultado
 A todos os meus mortos a toda minha gente
 Entre a montanha e o mar
 Este canto
 Do antigo sangue
 Consagrado⁴⁵ (D’ANNUNZIO, 2011, p. 3211).

A didascália presente também no início do texto, “Na terra do Abruzzo, há muitos anos”⁴⁶ (D’ANNUNZIO, 2011, p. 3211), tem a função de apresentar ao leitor o espaço e o tempo em que aquela trama é realizada, sendo, portanto, sem definição. Sabe-se que é em algum lugar da região do Abruzzo e em um tempo passado, mas não especificado, diferenciando sua obra das obras veristas, como as de Giovanni Verga, nas quais as informações de tempo e

⁴⁴ “Quest’opera viveva dentro di me da anni, oscura. Non ti ricordi? La tua *Figlia di Iorio* fece la prima apparizione or è più di vent’anni col capo sotto un dramma di nubi. Poi, d’improvviso, so mistrò compiuta e possente nella gran tela, con una perfeizione definitiva che ha qualche analogia con la cristallizzazione dei minerali nel ventre delle montagne. Tutta quella vita è circoscritta da linee geometriche invisibili. / Un processo non dissimile s’è svolto in me. Ho sentito vivere le mie radici nella terra natale, e n’ho avuto una felicità indicibile. Tutto è nuovo in questa tragedia e tutto è semplice: tutto è violento e tutto è pacato nel tempo medesimo. L’uomo primitivo, nella natura immutabile, parla il linguaggio delle passioni elementari”.

⁴⁵ “Alla terra d’abruzzu / Alla mia madre alle mie sorelle / Al mio fratello esule al mio padre sepolto / A tutti i miei morti a tutta la mia gente / Fra la montagna e il mare / Questo canto / Dell’antico sangue / Consacro”.

⁴⁶ “Nella terra d’Abruzzi, or è molt’anni”.

espaço aparecem de forma clara e precisa. A escolha da região do Abruzzo também confere ao poeta uma opção de atuação para seus personagens que estão fora, à margem do que a literatura da época preconizava.

LA FIACCOLA SOTTO IL MOGGIO

A morte de Gigliola, personagem principal da peça *La fiaccola sotto il moggio*, carrega consigo todo o interesse particular de D’Annunzio pelos costumes e hábitos da própria terra, que nesse texto se apresentam um pouco mais do que aqueles vistos na tragédia anterior, referindo-se a um Abruzzo muito mais profundo e enraizado em sua história.

A observação do espaço físico retratado na tragédia traz indicações precisas sobre o espaço geográfico e a situação política e social em que a história se desenrola. Desde o início do espetáculo há a informação de que o drama ocorre no início do século XIX: “No país peregrino, dentro do território de Anversa, junto à garganta do Sagitário, na vigília de Pentecostes, no tempo do Rei Bourbon Ferdinando I⁴⁷” (D’ANNUNZIO, 2011, p. 3295). Observa-se a descrição de uma Itália aristocrática poetizada por D’Annunzio através da representação da desastrosa decadência da família Sangro, que até o século XVIII era reconhecida por seus personagens ricos e aristocráticos. Para além do tempo, o espaço é especificado, o vale *del Sagittario*, localizado na província de Aquila e, hoje, reconhecida como uma das mais belas reservas naturais do Abruzzo.

O drama social representado na peça serve também para demonstrar a sobrevivência de tradições arcaicas na sociedade abrucesa. O exemplo maior nos é dado pelo personagem Edia Fura, chamado o Serparo, aquele que cuida das serpentes. O próprio apelido “serparo” demonstra uma antiga tradição presente até os dias atuais em celebrações como a de Cocullo, quando, na primeira sexta-feira de maio, ocorre a festa das serpentes, hoje dedicada a São Domenico. Essa festa teria sua origem no culto pagão de Angizia e provavelmente foi celebrada em outras cidades e vilarejos da região.

Essa figura exótica ajudará Gigliola a engendrar sua vingança contra Angizia, sua filha, por ter sido renegado por esta em seus planos de entrar para a família Sangro. Serparo, considerado como uma figura sacra por conhecer as leis ancestrais, não poderia ter sido ultrajado dessa forma pela filha. Será ele a assassinar Bertrando, herdeiro junto com Tibaldo da fortuna da família Sangro, desejada por Angizia. A figura do Serparo é muito simbólica na peça, por portar consigo cobras ao seu redor, da mesma forma como hoje a imagem do santo percorre a cidade no dia da celebração.

⁴⁷ “Nel paese peligno, dentro dal tenitorio di Anversa, presso le gole del Sagittario, la vigilia della Pentecoste, al tempo del Re Borbone Ferdinando I”.

Os ricos detalhes geográficos e de tradições populares que podem ser encontrados no texto desta tragédia são o resultado, mais uma vez, de diversas trocas de cartas e documentos entre D’Annunzio e Antonio De Nino:

Meu caro Antonio,
Como você está? O que faz?
[...] Eu estou quase terminando uma nova tragédia, que se desenvolve no território de Anversa, perto da Gole del Sagittario. [...] Em Anversa estão os restos de um edifício pertencente a ‘un tal’ de De Sangro. Escrevi ao prefeito para saber se entre as pedras ainda existe o brasão da família. [...] Um senhor ‘de nome’ Di Gusto respondeu-me que não existe nenhum sinal do brasão. Ora, você que sabe tudo, poderia me indicar o brasão dos Sangro de Anversa? Se possível, onde eu poderia encontrá-lo?⁴⁸
(PAPPONETTI, 1996, p. 63).

IL TRIONFO DELLA MORTE

Em *Il trionfo della morte*, temos o registro da descoberta de D’Annunzio do texto de Nietzsche, *Assim falou Zaratrusta*, que lhe apresenta a figura do super-homem, encantando o poeta abrucês que, imediatamente, vai inseri-la em suas produções, adaptando-a às suas necessidades estéticas. Essa descoberta induz o poeta a conhecer mais de perto a face selvagem da sua terra natal, o Abruzzo, onde, em uma visita ao santuário de *Casalbordino*, fica surpreso com o desespero de peregrinos que enfrentam humilhações e miséria para alcançarem esse local com o objetivo de receber uma graça. O interesse por áreas repletas de tradições da região é refletido diretamente na trajetória do personagem principal Aurispa, que perpassa a própria vida do poeta, coincidindo com o retorno de ambos, personagem e criador, à terra natal, o Abruzzo.

Assim como o poeta, Aurispa irá ler o romance nietzschiano, e será após essa leitura e de uma profunda análise introspectiva que o personagem vai dar início à construção de seu modelo do super-homem, filtrado pelo olhar transformador de D’Annunzio. O Abruzzo é, portanto, o lugar ideal para que o personagem Aurispa possa viver em completude a figura do super-homem. É ali, sem as tentações mundanas de Roma, inserido em seu solo natal, nesse retorno às suas origens, à natureza, ao misticismo religioso do povo daquele lugar, que ele acredita poder superar as fraquezas das pessoas comuns. Esse é caminho que o conduz à posição de ser excepcional, que fará da morte,

⁴⁸ “Mio caro Antonio, Come stai? Che fai? (...) Sto per terminare una nuova tragedia, che si svolge nel territorio di Anversa, presso le Gole del Sagittario. (...) Ad Anversa restano i ruderi di un palagio edificato da un De Sangro. Ho scritto al Sindaco per sapere se tra le pietre vi sia lo stemma gentilizio della famiglia. (...) Un signor Di Gusto mi risponde che non si trova alcuna traccia di stemma. Ora, tu che sai tutto, potresti indicarmi lo stemma dei Sangro d’Anversa? In caso, dove potrei trovarlo? (...)”.

fundada em sua espetacularidade dionisíaca, a transformação de Aurispa em super-homem, livre das fraquezas que o acorrentavam aos prazeres da vida comum.

“I PASTORI”

O poema pertence ao livro *Alcyone*, terceiro das cinco coletâneas de poesia que levam o nome das constelações das Plêiades. Em *Alcyone*, em particular, D’Annunzio descreve um sonho estivo, entre as colinas da cidade de Fiesoli e o mar Tirreno, na região da Toscana. Na parte final do livro, encontramos uma paisagem de fim de verão, que passa de maneira lenta, doce e saudosa. As principais temáticas são a nostalgia de terras distantes e as memórias antigas, envolvidas por uma atmosfera de sonho.

O Abruzzo surge dessas memórias. Evidencia-se nos poemas e, principalmente, em “I pastori”, a recordação mítica do seu povo e de sua terra natal, de um Abruzzo no qual D’Annunzio viveu a sua infância e com o qual claramente mantém uma profunda ligação afetiva:

Setembro, vamos. È tempo de migrar.
Neste momento, na terra dos Abruzzo, os meus pastores
deixam os apriscos e vão em direção ao mar:
descem ao Adriático selvagem
que verde é como o pasto dos montes.
[...]
Ah por que eu não estou com os meus pastores?⁴⁹ (D’ANNUNZIO, 2011, p. 2642).

Observa-se, nesse curto trecho, o sentimento de saudosismo, de nostalgia e de lamento evidente no poeta ao se recordar das migrações dos pastores abruceses, repletos de antigas tradições e de valores imutáveis no tempo.

CONCLUSÃO

O *Cenacolo* de Francavilla não foi para D’Annunzio, portanto, somente o refúgio de lembranças de sua terra natal. Os participantes deste grupo, cada um a seu modo, contribuíram para que a produção literária *dannunziana* rejuvenescesse o mito de um Abruzzo como uma “*terra vergine*” selvagem e mágica.

⁴⁹ “Settembre, andiamo. È tempo di migrare. / Ora in terra d’Abruzzi i miei pastori/ lascian /gli stazzi e vanno verso il mare:/ scendono all’Adriatico selvaggio/ che verde è come i /pascoli dei monti./ (...) // Ah perché non son io co’ miei pastori?”

Os estudos etnográficos de De Nino, as pinturas e fotografias de Michetti e De Cecco e as trocas poéticas com Scarfoglio, por exemplo, não forneceram apenas uma descrição detalhada da vida e dos hábitos dos camponeses de sua terra, mas também deram a D'Annunzio os materiais para as figuras míticas e os cenários que aparecem em suas obras. Cada carta trocada com De Nino, por exemplo, nos revela um D'Annunzio interessado em detalhes específicos que foram ainda mais estimulados após a viagem exploratória do grupo pela região abrucesa.

Assim, observamos, portanto, que a obra dannunziana, que hoje se estuda e que se pretende ler com um necessário olhar moderno, deve ser compreendida também a partir das produções artísticas de tantos nomes importantes que, no final do século XIX, foram responsáveis por difundir e apresentar um Abruzzo mítico e repleto de possibilidades ao poeta Gabriele D'Annunzio.

REFERÊNCIAS

BARILLI, Renato. Michetti: un palcoscenico simbolista per la *Figlia di Iorio*. In: ANDREOLI, Annamaria (org.). *La figlia di Iorio – Cent'anni di passione*. Pescara: De Luca Editori d'Arte, 2004, p. 67-73.

D'ANNUNZIO, Gabriele. *Siamo spiriti azzurri e stelle. Diario inedito* (17-27 agosto 1922), a cura di Pietro Gibellini. Firenze: Giunti Gruppo Editoriale, 1995.

D'ANNUNZIO, Gabriele. *Scritti giornalisti* (1882-1888), vol. 1, a cura di Annamaria Andreoli. Milão: Mondadori, 1996.

D'ANNUNZIO, G. Alcyone. In: ANTONUCCI, G.; OLIVA, G. (org.). *D'Annunzio Tutti i romanzi, novelle, poesie, teatro*. Roma: Newton Compton Editori, 2011, p. 2507-2655.

D'ANNUNZIO, G. Il trionfo della morte. In: ANTONUCCI, G.; OLIVA, G. (org.). *D'Annunzio Tutti i romanzi, novelle, poesie, teatro*. Roma: Newton Compton Editori, 2011, p. 800-920.

D'ANNUNZIO, G. La fiaccola sotto il moggio. In: ANTONUCCI, G.; OLIVA, G. (org.). *D'Annunzio Tutti i romanzi, novelle, poesie, teatro*. Roma: Newton Compton Editori, 2011, p. 3300-3355.

D'ANNUNZIO, G. La figlia di Iorio. In: ANTONUCCI, G.; OLIVA, G. (org.). *D'Annunzio Tutti i romanzi, novelle, poesie, teatro*. Roma: Newton Compton Editori, 2011, p. 3210-3244

DE MARCO, Marina. L'Abruzzo nella realtà biografica. *Atti del XX Convegno internazionale di studi dannunziani – Terre, città e paesi nella vita e nell'arte di Gabriele D'Annunzio*, vol. I, 1996, p. 47-62.

GIAMMARCO, Marilena. *La figlia di Iorio* e il teatro dell'invenzione. Il drama di Aligi e Il discorso di Mila. Liminal persona e nuovo linguaggio drammatico. In: GIAMMARCO, Marilena. *La parola tramata: Progettualità e invenzione nel testo di D'Annunzio*. Roma: Carocci, 2005, p. 97-144.

NICASTRO, Guido. *Il poeta e la scena: Saggio sul teatro di d'Annunzio*. Catania: Edizioni del Prisma, 1988.

PAPPONETTI, Giuseppe. L'Abruzzo nell'opera poetica, narrativa e teatrale di Gabriele D'Annunzio. *Atti del XX Convegno internazionale di studi dannunziani – Terre, città e paesi nella vita e nell'arte di Gabriele D'Annunzio*, vol. I, 1996, p. 63-90.

PARATORE, Ettore. Proposte di interpretazione della storia e della cultura d'Abruzzo. *Rivista dell'istituto di studi abruzzesi*. Roma: Edizioni dell'ateneo, 1963, p. 3-42.

POMILIO, M. D'Annunzio e l'Abruzzo. In: *Atti del Convegno internazionale di studio Venezia-Gardone Riviera-Pescara*, 1968, p. 602- 610.

SCARFOGLIO, Edoardo. *Il libro di Don Chisciotte*. Roma: A. SOMMARUGA E C., 1885.

VALENTINI, Valentina. *La tragedia moderna e mediterranea: Sul teatro di Gabriele D'Annunzio*. Milão: Franco Angeli, 1992.

Recebido em 31/08/2020

Aceito em 20/11/2020